

A METALINGUAGEM EM CRÔNICAS BRASILEIRAS

METALANGUAGE IN BRAZILLIAN CHRONICLES

SILVA, Helen Vanessa Couto¹

Resumo: O presente artigo busca mapear e analisar crônicas literárias brasileiras sob o viés intertextual e metalinguístico, evidenciando seus aspectos históricos e culturais. Destacamos a crônica para além de seus aspectos literários, mas também como relatos do cotidiano que merecem nota. O estudo aqui feito focaliza crônicas nas quais os autores utilizam a metalinguagem como recurso temático, criando o que se chama de metacrônicas.

Palavras-Chave: Crônica Literária; Intertextualidade; Metalinguagem.

Abstract: This article seeks to study and map Brazilian literary chronicles from an intertextual and metalinguistic perspective, highlighting their historical and cultural aspects. Here we present the chronicle not only as a literary text, but also as daily narratives that are worth noting. The study focuses on chronicles in which the authors use metalanguage as a thematic resource, creating what is called meta-chronicles.

Keywords: Literary Chronicle; Intertextuality; Metalanguage.

Como citar este artigo?

SILVA, H. V. C. A metalinguagem em crônicas brasileiras. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 375-388, 2021.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com Francês, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. Orientadora: Profª. Dra. Alana de Oliveira Freitas El Fahl. Bolsista do Programa de Iniciação Científica (processo n. 01/2020). E-mail: vanessahcouto@gmail.com.

1 Introdução

A história da crônica vem datada desde antes do nascimento de Cristo e seu início não foi como um gênero literário. A palavra “crônica” vem do latim *chronica*, que, por sua vez, foi baseado no vocábulo grego *khrónos*, que significa tempo e, na mitologia grega, fazia menção ao deus que controlava o tempo. O seu conceito mais tradicional aponta para um relato de fatos ou histórias de acordo com a ordem em que se sucedem no tempo.

Na mitologia grega, Cronos ocupa o lugar de vilão: ele trai os pais Urano e Gaia e se casa com a irmã Reia, a fim de ocupar o trono no Olimpo. Urano e Gaia rogam-lhe uma praga, segundo a qual seus próprios filhos o derrotariam. Para que o desígnio não se cumpra, Cronos devora um a um seus próprios filhos ao nascerem. Reia, porém, consegue enganar Cronos e, ao dar à luz, dá-lhe de comer uma pedra. O filho poupado da morte é Zeus, que, tempos depois, oferece uma droga ao pai e o faz vomitar todos os filhos devorados, os quais, unidos, derrotam o pai após uma sangrenta guerra (BENDER; LAURITO, 1993).

No início de sua trajetória, a crônica servia para relatar experiências e histórias sobre a vida dos reis, assim como registrar e informar suas conquistas fora dos seus territórios. Com o tempo, esses textos escritos apenas para cunho histórico foram mudando e a sua evolução foi tão intensa que chegou ao que conhecemos atualmente. E a precursora do que hoje chamamos de crônica literária foi uma crítica dramática do abade Geoffrey, publicada na parte inferior de uma página do jornal parisiense *Journal des Débats – Politiques et Littéraires*, em 1799. Foi desse modo que nasceu o folhetim, texto publicado nos rodapés dos jornais e que geralmente debatia literatura, artes, política e cultura geral.

Percebemos então que o cronista sempre foi um observador da realidade, logo, não é de grande surpresa ver o quanto ela evoluiu (principalmente estando em solo brasileiro). A crônica, que era totalmente histórica, hoje é separada por Neves (2010) em oito tipos: a crônica humorística, lírica ou poética, crônica-ensaio, descritiva, narrativa, dissertativa, reflexiva e metafísica.

No Brasil, a crônica ganhou a forma mais leve e simples que conhecemos hoje. O famoso “jeitinho brasileiro” deu vida à crônica e a transformou em um gênero literário, que, mesmo sem ter ganhado a importância merecida, é o preferido no coração de muitos brasileiros. Como afirmou Cândido (1984, p.

11), “por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo dia”.

Ao chegar ao Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX, a crônica ganhou força graças à imprensa periódica, sobretudo os jornais, uma vez que era a principal forma de comunicação da época. Em “A vida ao rés-do-chão”, Cândido (1984, p. 13) nos dá um parecer que explica o sucesso dessa modalidade de texto por aqui: “[...] é que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo”.

A crônica não é fácil de definir e muito menos de traçar uma rota para escrevê-la. E assim, muitos escritores como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector fizeram textos para tentar entender essa modalidade tão brasileira de se fazer um texto. E, a esse tipo de crônica, a crítica deu o nome de metacrônica.

2 A metacrônica: a crônica sobre a crônica

Para dar seguimento ao nosso estudo, estamos utilizando o conceito de metalinguagem, uma vez que as crônicas que utilizaremos para análise serão todas de cunho metalinguístico. A metalinguagem é uma das seis funções da linguagem elaboradas por Jakobson, no século XX, e são elas: a função emotiva, conativa, referencial, fática, poética e metalinguística. Logo, como cada função tem um objetivo específico, a metalinguagem tem o propósito de explicar o código ao próprio código. Segundo Jakobson (2001, p. 127): “Uma distinção foi feita, na lógica moderna, entre dois níveis de linguagem, a ‘linguagem-objeto’, que fala de objetos, e a ‘metalinguagem’, que fala da linguagem. [...] Praticamos a metalinguagem sem perceber”.

Sempre que um texto reflete sobre o seu próprio objeto estamos diante da função metalinguística. Temos como exemplo na literatura um poema que fala sobre a própria poesia, uma passagem em um romance em que o narrador se dirige ao leitor ou até mesmo um filme que discute o fazer do cinema, dentre outros exemplos.

Todas as crônicas que utilizaremos em nosso corpus de pesquisa tentam explicar e refletir sobre o que é a própria crônica. Assim, para continuarmos

entendendo as ligações existentes entre a crônica e a metalinguagem, foram escolhidas para análise as crônicas “O nascimento da crônica” de Machado de Assis, “Ciao” de Carlos Drummond de Andrade, “O exercício da crônica” de Vinícius de Moraes, “Ser cronista” de Clarice Lispector e “Nas águas da boa prosa” de Aleilton Fonseca.

Ainda sobre essa função, Soares (2006, p. 57) afirma que:

A função metalinguística é a que aproxima a mensagem de sua condição de imitação da realidade. Por mais que tente fingir, a mensagem é sempre mensagem: o signo não é seu significado, ele apenas o representa, por mais que nos esqueçamos disto.

Com isso, percebemos que a preocupação daquele que utiliza a função metalinguística está unicamente no código, uma vez que ele é o tema da mensagem. Em outras palavras, estamos diante da metalinguagem quando o autor se debruça sobre o próprio ato da sua criação, é como se o cronista mostrasse os andaimes de sua obra em construção.

Na vasta produção dos nossos cronistas, encontramos vários autores que utilizam desse expediente criativo. Buscando essa comunicação com o seu leitor e com o seu texto, criam o que chamamos de metacrônica, aquela que fala sobre si mesma, ou seja, crônica sobre crônica.

Desde sua chegada ao Brasil e ao cair nas graças brasileiras, escritores e escritoras vêm fazendo a metacrônica. Esse fenômeno não se dá por falta de assunto, bloqueio de escrita, mas simplesmente porque o escritor se vê intrigado com a sua forma de escrever e/ou olhar a vida, uma vez que a crônica é conhecida por diminuir a complexidade das coisas.

Afonso Romano de Sant’anna lança mão desse expediente em sua crônica “Assim se passaram dez ou quarenta anos”: “em meio aos diversos temas que rondam minha crônica, abro espaço para escrever sobre o próprio ato de escrever crônicas” (1997, p. 275). Autores como Machado de Assis, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Rubem Braga também aproveitavam sua pena para refletir o “fazer crônica”. Neiva (2009) diz que a metalinguagem permite ao cronista exteriorizar suas dúvidas, questionamentos e reflexões sobre a crônica e sobre a sua função como cronista.

Sobre as particularidades da metacrônica, destaca Souza Neves (2014):

[...] é a consolidação da metalinguagem como sendo uma ferramenta singular na construção de uma crítica da crônica através da própria crônica, tendo em vista que, por se tratar de um gênero relativamente novo no cenário literário brasileiro, a crônica tenha um acervo teórico e crítico ainda em constante formação (p. 622).

Sendo assim, ao escrever uma crônica metalinguística, o autor busca se aprofundar no conhecimento do gênero, uma vez que a crônica tem como tema principal o olhar sobre o cotidiano. Dessa forma, ao criar uma crônica que fala dela mesma, o autor cria uma narrativa crítica que o auxilia no entendimento da própria crônica, já que “a crítica que inventa a intimidade com a linguagem do objeto, com ele confunde-se, chega muito perto, diz ineditamente, inventivamente esse próprio objeto” (CHALHUB, 2005, p. 76).

Podemos ainda dizer que a função metalinguística dentro dos textos é utilizada não apenas para entender sobre o gênero escolhido, mas também para seduzir o leitor. Para Bizzotto (2003) é uma forma eficaz de envolver o leitor no ato languageiro, para que ele também participe do texto.

Dessa forma, percebemos que, ao utilizar a função metalinguística dentro das crônicas, os escritores alcançaram um ganho duplo. O primeiro é um conhecimento maior sobre a crônica, uma vez que se utilizam dela para escrever sobre ela; e o segundo é que conseguem uma atenção dobrada do leitor, já que o mesmo é seduzido pela metalinguagem, que por sua vez aguça o lado curioso daquele que a lê. Vejamos agora algumas dessas narrativas.

2.1 “O nascimento da crônica” – Machado de Assis

Machado de Assis (1839 - 1908) é um dos principais nomes da literatura brasileira (foi contista, cronista, jornalista, poeta e teatrólogo, além de ter sido o fundador da Academia Brasileira de Letras). Assis foi precursor em muitas formas de se fazer, se ver e se ler literatura. E não seria diferente com a crônica. Nesta crônica em questão, publicada em 1877 no jornal *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, Machado de Assis, logo na primeira frase, deixa seu ponto de vista bem claro: escrever uma crônica é fácil, basta observar uma “trivialidade” e voilà, temos o início do texto.

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca.

A METALINGUAGEM EM CRÔNICAS BRASILEIRAS

Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica (MACHADO, 1994, p. 13–15).

Machado continua sua crônica falando de um possível nascimento dessa modalidade de escrita ainda no início da civilização, quando tivemos as primeiras vizinhas:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica (MACHADO, 1994, p. 13–15).

E por fim, ele conclui o texto trazendo uma ação cotidiana em que o calor continua sujeito e tema principal da narrativa. E nos mostra que a crônica não precisa ter uma linearidade que geralmente encontramos em um romance, entretanto ela necessita de um tema principal, e quaisquer divagações, por mais sem sentido que possam parecer, podem virar uma crônica. E uma boa crônica, diga-se de passagem. Assim, Machado de Assis faz com que “O calor, que a princípio era uma maneira trivial de se começar uma crônica, passa a ser o cerne da origem do gênero, e finalmente, num movimento estilístico que é característico do autor, torna-se pretexto para uma crítica atual” (SALLES, 2018, p. 15).

Do olhar e do tinteiro desse nosso autor não saíram apenas Capitu, Brás Cubas, Conselheiro Aires, Simão Bacamarte ou Alferes Jacobina, célebres personagens de seus romances e contos. Saíram também argutas observações sobre o cotidiano brasileiro no final do século XIX e início do século XX, através de centenas de crônicas que povoaram os rodapés dos nossos jornais e depois foram reunidas em livro, fortalecendo um gênero que ganharia o país e seus leitores até hoje.

2.2 “Ciao” – Carlos Drummond de Andrade

Exercitar o ato de escrever uma crônica é exercitar constantemente o ato de observar os pequenos detalhes da vida em um binômio que permeia o simples e o complexo. E é exatamente sobre isso que Drummond trata ao escrever “Ciao”, a sua última crônica. Feita, exatamente, para ser a última crônica que escreveria, Andrade faz uma reflexão sobre sua vida de escritor e nos leva para o início de sua carreira no jornal: jovem, inexperiente e ganhando pouco para escrever muito e escrever sobre tudo. “Ciao” é um reflexo da vida do autor em detalhes artísticos e históricos:

O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para ele, praticamente de graça, topou. Nasceu aí, na velha Belo Horizonte dos anos 20, um cronista que ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas crônicas (DRUMMOND, 1984).

No decorrer da escrita, Drummond ainda vai deixar claro que escrever crônica é fascinante, pois o deixa livre para escrever como quer e não como um editorialista. A crônica não exige formação ou saber elevado em um determinado tema. Nela se pode falar de um ou mais temas ou simplesmente não falar sobre nada e escrever. Ela cabe ali nos cinco minutos que o leitor tira para tomar café e tem o papel de aliviar o peso que é, logo pela manhã, receber a notícia de que a polícia disparou 80 tiros contra um carro de uma família inocente ou que um vírus matou 160 mil pessoas em alguns meses, totalizando 46 mortes por hora.

A crônica alivia sem tirar a dor, pelo contrário, ela renova e faz refletir o acontecido buscando fazer o leitor imergir no problema sem perder a cabeça:

Crônica tem essa vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiagem de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular

entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo (DRUMMOND, 1984).

Assim, Drummond conclui a crônica se despedindo saudosamente da escrita, do jornal e dos leitores. Uma crônica feita para ser uma viagem no tempo, através da história da vida do autor, da história da humanidade e da história da imprensa sob o viés do seu olhar. Nosso poeta de Itabira também soube lançar seu olhar gauche sobre esse gênero que consagrará outros mineiros de boa lavra como ele, tais como Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Luiz Vilela.

2.3 “O exercício da crônica” – Vinicius de Moraes

Vinicius de Moraes foi um dos maiores autores da cultura moderna brasileira. Responsável por criar inúmeros poemas e belíssimas canções, o nosso querido autor do século XX também foi cronista. E, nesta crônica que analisaremos, ele faz da arte de criar uma crônica seu principal assunto e ainda ajuda aqueles que apresentam interesse em ser – ou talvez já sejam – cronistas a se organizar e entender melhor o ofício.

Além disso, ele traz, no tear de suas palavras, a falta de assunto que muitas vezes rodeia o escritor que, em contrapartida, tem horário e data certa para entregar o texto nas mãos dos editores. Vejamos:

Coloque-se, porém, o leitor, o ingrato leitor, no papel do cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica “não baixa”. O cronista levanta-se, senta-se, lava as mãos, levanta-se de novo, chega à janela, dá uma telefonada a um amigo, põe um disco na vitrola, relê crônicas passadas em busca de inspiração - e nada. Ele sabe que o tempo está correndo, que a sua página tem uma hora certa para fechar, que os linotipistas o estão esperando com impaciência, que o diretor do jornal está provavelmente coçando a cabeça e dizendo a seus auxiliares: “É...Não há nada a fazer com Fulano...” Aí então é que, se ele é cronista mesmo, ele se pega pela gola e diz: “Vamos, escreve, ó mascarado! Escreve uma crônica sobre esta cadeira que está aí em tua frente! E que ela seja bem-feita e divirta os leitores!” E o negócio sai de qualquer maneira (MORAES, 1980, p. 15).

Observemos que Vinicius de Moraes se queixa do leitor intitulando-o como ingrato e traz também, no início do texto, o mesmo adjetivo para a prosa.

Isso porque a prosa fiada, ao olhar do autor, é muito mais complexa do que a prosa fictícia, pois, na ficção, os personagens ganham vida e escrevem a própria história, mas na fiada é o escritor e ele mesmo para descrever o cotidiano e ainda animar o leitor. E continua:

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado (MORAES, 1980, p. 15).

Outro ponto que Moraes nos traz é que cada cronista tem sua forma de escrever a crônica e pensar nela. Essa reflexão traz para quem lê uma amplitude maior do que é ser um cronista e o quão difícil pode ser em alguns momentos. Também fica claro que tudo pode ser assunto para uma crônica, desde que o escritor, como diz Drummond na crônica supracitada, seja um sujeito confiável ainda que na divagação. Neste trecho, Moraes explica que há várias formas de fazer crônicas, de se ler crônicas e que todas elas são totalmente válidas:

Alguns fazem-no de maneira simples e direta, sem caprichar demais no estilo, mas enfeitando-o aqui e ali desses pequenos achados que são a sua marca registrada e constituem um tópico infalível nas conversas do alheio naquela noite. Outros, de modo lento e elaborado, que o leitor deixa para mais tarde como um convite ao sono: a estes se lê como quem mastiga com prazer grandes bolas de chicletes. Outros, ainda, e constituem a maioria, "tacam peito" na máquina e cumprem o dever cotidiano da crônica com uma espécie de desespero, numa atitude ou-vai-ou-racha. Há os eufóricos, cuja prosa procura sempre infundir vida e alegria em seus leitores e há os tristes, que escrevem com o fito exclusivo de desanimar o gentio não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver (MORAES, 1980, p. 15).

Ao finalizar, Moraes ainda aconselha que os futuros cronistas sejam precavidos e deixem sempre duas crônicas adiantadas; entretanto, ele confessa que a maioria dos cronistas não o faz. Normalmente, a maioria entrega com

atraso e deixa os editorialistas à flor da pele. O que é totalmente perdoável, uma vez que a crônica é um relato da vida, e a vida é sempre urgente e dinâmica. E assim também o foi para o Poetinha, que não cantou só sobre o amor, mas sobre tudo aquilo que o atraía.

2.4 “Ser cronista” – Clarice Lispector

Clarice Lispector foi uma das grandes autoras do modernismo, atuou durante a Terceira Geração deste movimento (denominada Geração de 45) e ficou reconhecida, principalmente, por seus romances e contos; assim como Machado, entretanto, ela também foi uma excelente cronista. Durante sua estada entre nós, Clarice recebeu diversos prêmios, dentre eles, o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal e o Prêmio Graça Aranha.

As dúvidas sobre o gênero crônica vão além de como defini-la. Saber como escrevê-la e saber seus limites também são incertezas que pairam na cabeça de quem pretende conceber uma crônica. Essa dubiedade também surgiu na percepção de Clarice Lispector (1968), e temos essa situação escrita e datada em uma crônica: “Crônica é um relato? É uma conversa, é o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois, antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos.” (LISPECTOR, 1968, p. 112-113).

Clarice sempre levou a reflexão sobre sua escrita muito a sério, e, para ela, o fato de não saber o que fazer a deixava inquieta. Escrever uma crônica não é como escrever um conto ou um romance.

Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo. Um amigo que tem voz forte, convincente e carinhosa, praticamente me intimou a não ter medo. Disse: escreva qualquer coisa que lhe passe pela cabeça, mesmo tolíce, porque coisas sérias você já escreveu, e todos os seus leitores hão de entender que sua crônica semanal é um modo honesto de ganhar dinheiro. No entanto, por uma questão de honestidade para com o jornal, que é bom, eu não quis escrever tolíces. As que escrevi, e imagino quantas, foi sem perceber (LISPECTOR, 1968, p. 112-113).

A crônica é um gênero que, muitas vezes, exige mais do escritor. Para escrevê-la, o autor deve colocar mais de si e assim alcançar seu objetivo: tocar seu leitor no seu ponto fraco, que seria a sua realidade.

E também sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo. Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme (LISPECTOR, 1968, p. 112-113).

Por fim, Lispector fecha seu texto mostrando seu descontentamento ao não entender o que fazer para ter uma boa crônica escrita e qual a finalidade por trás dela. Entretanto, podemos ver que a sua dúvida lhe rendeu uma bela metacrônica, pois com a crônica é assim que as coisas se resolvem: na caneta e papel, mesmo se o escritor pensa que não sabe por onde ir. E ela soube muito bem, seja através de *A hora da estrela*, de *A maçã no escuro*, de “Amor”, de “A galinha” ou de suas centenas de crônicas que continuam nos proporcionando uma felicidade clandestina.

2.5 “Nas águas da boa prosa” – Aleilton Fonseca

Na crônica ensaística escrita por Aleilton Fonseca, a crônica é também o grande enigma que nos é proposto para analisar. Fonseca começa seu texto comparando-o com a arte culinária, e isso porque a crônica também precisa de temperos, tempo e alguém que queira/saiba prepará-la:

Caro leitor: Quem não gosta de uma boa prosa? Seja bem-vindo a este pequeno banquete de saborosas crônicas que podemos degustar com prazer, sem riscos de indigestão. Se alguns bocados, com sal e pimenta, o engasgarem, acredite que será para o nosso próprio bem, porque, como já nos preveniram os poetas e os populares, “a vida tem dessas coisas”, e o cronista às vezes usa sal grosso nas misturas. Provei o sabor de cada peça, – e lhe adianto que não há sequer uma insípida, pois que todas se apresentam muito bem temperadas com talento, perspicácia, senso crítico, bom humor e ironia em pitadas precisas (FONSECA, 2015²).

Neste texto, o autor segue nos mostrando ingredientes para ter uma boa e saborosa crônica e coloca, como tempero principal, a criatividade. Além disso, Aleilton fala sobre a personalidade ser essencial dentro da crônica e, como vimos no ponto anterior com a crônica de Clarice, escrever um texto tão pessoal pode

² Crônica usada como prefácio do livro *Com o Mar Entre os Dedos* (2015), de Antônio Lopes.

ser bastante confuso para muitos autores. Entretanto, a personalidade está para a crônica assim como o sal está para a comida.

Aqui nos encontramos com a arte de um cronista criativo, num agradável e instigante passeio por situações, experiências, histórias, anedotas, revelações, leituras e, sobretudo, certos saberes da vida e da arte de escrever, em doses homeopáticas e eficientes. Desde a crônica inicial, seguimos os itinerários e as vivências do escritor, que fluem pelos becos e atalhos da memória, transubstanciando-se a matéria vivida em relatos lapidados com engenho jornalístico e arte literária. Eis o mister do cronista: fixar, no tempo do texto que permanece, aquela centelha das vivências que, transitória e contingente, se esvai no instante mesmo de sua epifania. A crônica, nestes termos, pede deferimento. Senhora de si, ela salta da hemeroteca para a estante dos livros, pois que supera a fugacidade de origem e adentra o salão da permanência, como objeto corrente da cultura literária (FONSECA, 2015).

O autor segue tecendo sua crônica com o intuito de revelar ao leitor o que é e como funciona esse gênero curto. Ele destrincha o caminho que o escritor faz até que ela chegue aos olhos do leitor. Entretanto, o autor também traz noções de criticidade para que o leitor saiba identificar, na sua leitura, uma boa crônica.

O autor baiano de *O desterro dos mortos* e de *O pêndulo de Euclides* também traz noções de criticidade em sua metacrônica para que o leitor saiba identificar, na sua leitura, uma boa crônica quando a vir. E assim consegue nos enredar como vêm fazendo nossos cronistas desde as páginas dos jornais do século XIX, passando pelas antologias do século XX e chegando às múltiplas possibilidades hoje presentes no universo da virtualidade.

Considerações finais

Nesse percurso analisamos que os escritores buscaram entender/fazer entender os pontos que constituem uma crônica. Podemos ver que a crônica, mesmo sendo considerada um gênero menor do que os outros, traz dentro de sua simplicidade uma complexidade enorme. Alana El Fahl (2018), em sua crônica “Conceito crônico”, destacou que a escrita da crônica se dá ao entender “algo extraordinário, percebido dentro do ordinário da vida” (2018, p. 13–15), e talvez seja esse ordinário que nos confunde a cabeça, mas também é ele que deixa a crônica tão perto de nós.

Quanto à metalinguagem presente nas crônicas, os autores sempre a utilizam através do humor. A crônica se autoexplica falando da dificuldade ou

SILVA, H. V. C.

dos desafios de escrever ela mesma. E também traz orientações para outros autores que queiram se aventurar na escrita desse gênero fascinante. A metacrônica, além de autodefinir-se, tenta explicar também a vida e seus paradoxos. Ao trazer as dificuldades do ato de escrever, os autores fazem uma ligação temática com as dificuldades normais que encontramos em diversos âmbitos da vida. Além disso, sendo metalinguística ou não, a crônica ainda assim consegue nos divertir e deixar mais leve o nosso dia.

O cronista não teme expor para seus leitores sua fragilidade ou falta de assunto, ao contrário, ele traz essa questão para o centro de seu texto, nos brindando com crônicas que despertam a nossa curiosidade ao ver o seu engenho em funcionamento.

Além disso, traz orientações e inquietações para outros possíveis autores que queiram se aventurar na escrita desse gênero fascinante. A metacrônica, além de autodefinir-se, tenta explicar também a vida e seus paradoxos. Ao trazer as dificuldades do ato de escrever, os autores estabelecem uma espécie de simbologia com os desafios cotidianos que encontramos em diversos âmbitos da vida. Todos nós em algum momento estaremos diante de uma página em branco. E, metalinguística ou não, a crônica ainda assim cumpre sua função maior, consegue nos divertir e deixar mais leve o nosso dia.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. Cíao. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1984.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BIZZOTTO, L. H. J. M.; Machado, I. L. A metalinguagem como estratégia de sedução na leitura de crônicas de Luís Fernando Veríssimo. In: *III Seminário sobre o ensino da língua e literatura*, no 14º congresso de leitura do Brasil, realizado na Universidade Estadual de Campinas, 2003, Campinas/SP. CD dos resumos do III Seminário sobre o ensino da língua e literatura, no 14º congresso de leitura do Brasil, realizado na Universidade Estadual de Campinas, 2003.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio.

CHALHUB, Samira. *A meta-linguagem*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

EL FAHL, Alana Freitas. *Nós que apagamos a lua: 21 histórias para guardar*. Feira de Santana. Editora Zarte. 2018.

A METALINGUAGEM EM CRÔNICAS BRASILEIRAS

NEVES, V. S.; ARRUDA, A. M. P. Metacrônica: falo bem, ou falo mal, mas falo de mim mesma. In: *X Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas - SEPECH*, 2014, Londrina. Anais do X SEPECH, 2014. v. 20, p. 622-630.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001.

LOPES, Antônio; FONSECA, Aleilton Santana. *Com o Mar Entre os Dedos*. Editus - Editora da UESC; 1ª edição, Bahia, 2015.

MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: _____. *Para viver um grande amor*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. *A metalinguagem nas inquietações cronísticas de Clarice Lispector*. 2009. p. 74. Jornalismo Literário (Graduação em Comunicação Social Jornalismo) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, 2009.

NEVES, Ricardo Sérgio de Menezes. *Os tipos de Crônica*. Disponível em: www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/2226899. Acesso em: 16 de março de 2021.

SALLES, Juliana. As crônicas do útil e do fútil: Machado de Assis e as metacrônicas. *Revista Garrafa*, v. 16, n. 44, 2018, p. 1-17.

SANT'ANNA. Affonso Romano de. Assim se passaram dez ou quarenta anos. In: _____. *A vida por viver: cronista crônico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 275-277.

SOARES, Gabriel Keene von Koenig. *Novas possibilidades em metalinguagem*. Brasília, 2006.